

**ROTEIRO
PARA O
PROFESSOR**

Caro professor,

Além da edição dos textos integrais de algumas das melhores e mais reconhecidas obras das literaturas brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** oferecem a você amplo material de apoio didático para o trabalho em sala de aula.

Cada obra traz em seu corpo o seguinte conteúdo:

- **Texto integral;**
- **Diários de um Clássico;**
- **Contextualização Histórica;**
- **Entrevista Imaginária.**

Além disso, o leitor recebe, encartado no exemplar:

- **Suplemento de Atividades.**

E o professor, em seu exemplar ofertado, encontra ainda:

- **Suplemento de Atividades com respostas e orientações;**
- **Projeto Leitura e Didatização.**

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é um material didático bastante consistente, configurando um grande diferencial para os **CLÁSSICOS SARAIVA**.

A seguir, relacionamos e definimos cada uma dessas seções:

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO

Após a leitura, o aluno mergulha nos DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO, que oferecem um roteiro pormenorizado de algumas abordagens possíveis para cada livro:

- **Por Dentro da Obra:** Uma abordagem inusitada da obra.
- **Na Intimidade do Autor:** Aspectos da vida do autor.
- **Navegando pelo Contexto Literário:** Relação da obra com panorama literário da época.
- **Passeando pela Cidade:** Cenas da cidade onde se passa a história principal.
- **Conhecendo a Obra:** Análise de alguns pontos estruturais da obra, como:
 - Narrador;
 - Personagens;
 - Foco narrativo;
 - Estrutura;
 - Espaço;
 - Linguagem;
 - Outras questões específicas.
- **Expressões Artísticas:** Adaptação da obra por outras artes.
- **Obras:** Lista de todas as obras do autor.

156

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Painel de textos selecionados que dizem respeito a algumas características de estilo da obra e também ao seu contexto histórico e artístico, ajudando a construir um panorama da época e do ambiente cultural, histórico e literário em que o autor viveu.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

Simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida, com perguntas e respostas imaginadas.

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Encarte com atividades para o aluno responder, dividido nos seguintes tópicos:

- **Uma Obra Clássica:** Atividades sobre a obra e seu valor literário.
- **A Narrativa:** Atividades sobre a história.
- **O Narrador:** Atividades sobre o tipo de narrador, sobre o foco narrativo.

- **Personagens:** Atividades sobre o protagonista e outros personagens de destaque.
- **Intertextualidade:** Atividades sobre possíveis relações da obra com outros gêneros de texto.
- **Contextualização Histórica:** Atividades enfocando os trechos selecionados na seção específica do livro.
- **A Nova do Cadáver – A sua Entrevista Imaginária:** Atividade de produção de texto na qual o aluno simula a sua própria entrevista com o autor.

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

É uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, desenvolvida com base em pressupostos oferecidos pelo professor William Cereja. São traçados possíveis dialogismos entre a obra lida e outras afins, sejam elas da literatura brasileira ou estrangeira, contemporâneas ou não.

No PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO, o professor encontra uma série de questões e orientações de modo a garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos, proporcionando situações de intenso trabalho e prazer de aprender em sala de aula.

Esse projeto é apresentado mais adiante, para o professor, de forma completa, com orientações e respostas das atividades. Para o aluno, o PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO está disponível no *site* dos CLÁSSICOS SARAIVA (www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva).

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

Caro professor,

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é uma proposta alternativa de ensino de literatura, baseada nos pressupostos apresentados por William Cereja em seu Ensino de Literatura – Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura (Atual, 2005). Neste Projeto, atividades de leitura de textos literários e não literários são formuladas para o aluno, acompanhadas de discussões e justificativas teórico-metodológicas que permitem ao professor compreender não apenas por que fazer diferente o ensino da literatura, mas também como fazer.

Este Projeto didatiza e organiza uma proposta dialógica de ensino de literatura, de forma que se possa garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos.

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura, mas também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não verbais etc. Assim, as atividades apresentadas a seguir apenas indicam um ponto de partida para uma abordagem dialógica da literatura.

Apresentamos respostas previstas para as questões, a fim de que possam ser avaliadas por completo, para que seja possível verificar sua pertinência e as habilidades de leitura demandadas em cada uma delas.

O Projeto da obra O médico e o monstro foi desenvolvido por **VICENTE LUÍS DE CASTRO PEREIRA**, formado em Letras (Português/Linguística) pela USP, professor de Língua Portuguesa da

rede particular de ensino em São Paulo e pesquisador das relações culturais entre Brasil e Portugal no século XIX.

Mas lembre-se:

- 1. Este Projeto é abrangente e não precisa, necessariamente, ser trabalhado de forma integral. Componha-o dentro de seu plano de aula, conforme seus interesses e as necessidades de seus alunos, explorando uma, duas ou mais leituras.*
- 2. O texto integral do PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO de cada obra dos **CLÁSSICOS SARAIVA** está disponível no site www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva. Lá, o professor e/ou o aluno poderão copiar o projeto, sem as orientações e sem as respostas previstas, naturalmente.*

Bom trabalho!

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

O MÉDICO E O MONSTRO ROBERT LOUIS STEVENSON

Possíveis dialogismos trabalhados neste Projeto:

1. Uma galeria de personagens assustadores (Leitura 1)
 - I. O monstro oculto na interioridade de Dr. Jekyll
 - II. A atmosfera de pesadelo do castelo de Drácula
 - III. Experiências no laboratório do Dr. Frankenstein
 - IV. O horrendo sineiro da catedral de Notre-Dame

2. A figura do duplo na literatura (Leitura 2)
 - I. Dr. Jekyll ou sr. Hyde?
 - II. O duplo em uma novela de Dostoiévski
 - III. O misterioso retrato de Dorian Gray
 - IV. Irmãos gêmeos em um romance de Machado de Assis

3. Entre o bem e o mal: narrativas de mistério e suspense (Leitura 3)
 - I. O psicopata de Robert Louis Stevenson
 - II. O conto na visão de Edgar Allan Poe

160

LEITURA 1

UMA GALERIA DE PERSONAGENS ASSUSTADORES

Esta primeira unidade propõe a realização de um trabalho comparativo com caracterizações representativas de personagens famosos da literatura europeia. O eixo de seleção das figuras que compõem a presente galeria reside no medo e no fascínio inspirados, simultaneamente, por esses seres ficcionais. O ponto de partida é um fragmento extraído da narrativa *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. A análise dialógica aqui apresentada estabelece relações entre o excerto de Stevenson e outros três textos – um trecho de *Drácula*, de Bram Stoker; uma passagem de *Frankenstein*, de Mary Shelley; e, por fim, um fragmento de *O corcunda de Notre-Dame*, do francês Victor Hugo. O objetivo principal do presente trabalho é permitir o contraste entre obras que utilizam o horror e o grotesco na configuração de seus personagens centrais. Pretende-se assim iluminar o diálogo possível entre a narrativa de Stevenson e outras histórias do mesmo gênero – como as de Stoker e Shelley –, apontando igualmente um antecedente literário de origem francesa – o romance de Hugo.

PROFESSOR, esta primeira leitura possibilita o aprofundamento do estudo acerca das caracterizações de personagens, considerado essencial no percurso de ensino dos elementos fundamentais da narrativa. Os traços comuns, depreensíveis da comparação entre os quatro protagonistas escolhidos, permitem também verificar os aspectos centrais que configuram a narrativa gótica e a vertente romântica que explora os aspectos grotescos da realidade. A aproximação de textos pertencentes a um mesmo gênero permite, ainda, uma discussão acerca dos conceitos de tradição literária e de cânone literário. É interessante investigar com os alunos os motivos pelos quais os personagens selecionados permanecem tão vivos no imaginário ocidental.

I. O MONSTRO OCULTO NA INTERIORIDADE DE DR. JEKYLL

TEXTO 1

Permitirá que eu tome este copo e que saia de sua casa sem mais nada lhe dizer? Ou a avidez da curiosidade domina-o demais? Pense antes de responder, pois sua decisão será respeitada. [...] Ou, se assim o preferir, nova província de saber e novas avenidas para a fama e o poder poderão abrir-se para o senhor, aqui, neste quarto, neste mesmo instante. E seus olhos serão crestados por um prodígio que sacudirá a descrença de Satanás.

— Senhor — disse eu, fingindo uma frieza que estava longe de sentir —, fala por enigmas e talvez não se admire se lhe disser que eu o escuto sem grande impressão de acreditá-lo. Mas já fui longe demais neste caminho de serviços inexplicáveis para deter-me sem ter chegado ao fim.

— Está bem — respondeu meu visitante. — Lanyon, lembre-se de seus votos: o que se segue fica sob o juramento de nossa profissão. E agora você, que por tanto tempo se prendeu à visão estreita e material, que negou a virtude da medicina transcendente, que escarneceu dos que lhe são superiores... preste atenção!

Levou o copo aos lábios e bebeu o conteúdo de um só trago. Um grito seguiu o gesto. Ele gritou sobre si mesmo, cambaleou, agarrou-se à mesa e ali ficou, olhando com olhos injetados, arquejando com a boca aberta e, enquanto eu olhava, sucedeu, pensei, uma transformação — ele parecia inchar; seu rosto tornou-se negro de repente e as feições como que se desmancharam, alterando-se —, e no momento seguinte eu saltei para trás, de encontro à parede, com o braço levantado para proteger meus olhos daquele fenômeno, com a mente submersa em terror.

— Oh, meu Deus! — exclamei. — Meu Deus!

Repeti esse grito muitas vezes, pois diante de meus olhos, pálido e trêmulo, quase a desmaiar, tateando o espaço diante de si com as mãos, como um homem ressurgido da morte, estava ninguém menos que Henry Jekyll!

[...] Minha vida foi abalada em suas próprias raízes: perdi o sono e o mais pavoroso dos terrores acompanha-me em todas as horas do dia e da noite. Sinto que meus dias estão contados e que devo morrer, mas ainda assim morro incrédulo. Quanto à torpeza moral que aquele homem desvendou para mim, mesmo com lágrimas de penitência, não posso recordar sem sobressaltos de horror. Contarei apenas uma coisa, Utterson, e essa (se você puder obrigar sua mente a acreditar nela) será mais do que suficiente. A criatura que entrou furtivamente em minha casa naquela noite, era, segundo a própria confissão de Jekyll, conhecida pelo nome de Hyde e procurada por todos os cantos do país pelo assassinato de Carew.

STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. São Paulo: Saraiva, 2010. (Coleção Clássicos Saraiva).

1. Após ler atentamente o fragmento acima, responda às questões propostas a seguir:

a) Qual o terrível segredo que Dr. Jekyll acabou por revelar a Lanyon? *Dr. Jekyll revelou a Lanyon a natureza dos experimentos que vinha desenvolvendo secretamente. O cientista tinha como objetivo fazer com que a face obscura de sua interioridade pudesse emergir diante dos olhos de uma testemunha. Dr. Jekyll almejava surpreender o espectador, demonstrando as inovações que seus estudos científicos haviam alcançado.*

b) Em que medida o segredo revelado por Dr. Jekyll colocava em xeque a visão científica tradicional?

Dr. Jekyll qualifica sua experiência como prodigiosa e vaticina o prestígio e a fama que poderiam advir da investigação científica. O experimento do cientista, apesar de arriscado, apresentava um caráter inovador. Para Dr. Jekyll, sua descoberta abalaria os limites da ciência tradicional e material, na medida em que categoriza o trabalho desenvolvido como um exemplo de “medicina transcendente”.

c) Que elementos presentes na transformação de sr. Hyde em Dr. Jekyll abalaram profundamente o espírito de Lanyon?

Lanyon fica aterrorizado com a repentina transformação física de Dr. Jekyll: as feições do cientista são tomadas por expressões de maldade e sofrimento. Sr. Hyde representava o lado torpe e cruel da personalidade de Dr. Jekyll. O pavor sentido ao contemplar a terrível metamorfose desestruturou de tal maneira o equilíbrio mental de Lanyon que ele veio a falecer cerca de um mês e meio após o ocorrido.

d) Com base no texto, explique o que a experiência de Dr. Jekyll revelou a respeito da interioridade humana.

A experiência de Dr. Jekyll revelou a duplicidade inerente à interioridade humana. O perigoso experimento do cientista levou aos últimos limites a exploração dos polos dicotômicos do bem e do mal, presentes em cada ser humano. Dr. Jekyll permitiu que sua obscura face cruel aflorasse e subjugasse, pouco a pouco, a face controlada e civilizada que antes predominava.

II. A ATMOSFERA DE PESADELO DO CASTELO DE DRÁCULA

TEXTO 2

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

Fiquei onde estava, em silêncio, pois não sabia o que fazer. Não havia sinal de campainha ou de aldrava, e era improvável que minha voz conseguisse atravessar aquelas paredes sombrias e aquelas janelas escuras. [...] Que espécie de aventura sinistra era aquela em que eu embarcara? [...]

No momento em que cheguei a essa conclusão, ouvi passos pesados aproximando-se por trás da porta enorme, e vi, através das frestas, uma luz brilhar cada vez mais perto. Ouvi o ruído de correntes chacoalhando e o clangor de ferrolhos maciços se abrindo. Uma chave girou na fechadura, rangendo bastante devido ao longo desuso, e a pesada porta se abriu.

Lá dentro estava um homem alto e idoso, sem barba e com um bigode branco e comprido, vestido de preto da cabeça aos pés. [...]

— Bem-vindo à minha casa! Entre, por sua livre e espontânea vontade!

[...] No instante em que atravessei a soleira, ele se moveu para a frente num impulso; estendendo a mão, agarrou a minha com uma força que me fez estremecer, efeito que não foi em nada aliviado pelo fato de parecer fria como gelo – mais como a mão de um morto do que de um vivo.

[...]

Seu rosto tinha um acentuado perfil aquilino, com um nariz magro e pronunciado e narinas curvadas de uma forma peculiar. [...] Suas sobrancelhas eram muito densas e quase se encontravam acima do nariz, com pelos cerrados que pareciam se enrolar, de tão profusos. A boca, até onde eu conseguia vê-la sob o bigode farto, era rígida e de aparência cruel, com dentes brancos e peculiarmente afiados. [...] Quanto ao resto, suas orelhas eram pálidas, com extremidades bastante pontudas. [...] O efeito geral era da mais extraordinária palidez.

[...] Quando o Conde se curvou em minha direção e suas mãos me tocaram, não pude evitar um calafrio. [...] Com um sorriso algo sinistro, que revelava mais seus dentes protuberantes do que até então, voltou a sentar-se do outro lado da lareira. [...] Todas as coisas pareciam tomadas por uma estranha quietude, mas logo escutei o uivo de muitos lobos, como se viesse do vale lá embaixo. Os olhos do Conde brilharam, e ele disse:

— Ouça! Os filhos da noite. Que música eles fazem!

STOKER, Bram. *Drácula*. Trad. Adriana Lisboa.
Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 243-247.

2. Leia com atenção o trecho acima e, em seguida, responda às questões:

a) Que elementos presentes na caracterização do castelo de Drácula intensificam a atmosfera macabra da narrativa?

Jonathan Harker, o narrador, chega ao castelo de Drácula em uma noite sombria e silenciosa. O castelo não inspira hospitalidade, na medida em que não apresenta sequer campainha para anunciar a chegada de possíveis visitantes. As paredes e as janelas do castelo são escuras – a escuridão acentua a insegurança sentida pelo personagem. Quando finalmente o Conde se aproxima da porta, seus passos soam pesados e um som de correntes e ferrolhos é ouvido. Para reforçar a pouca frequência de visitas ao castelo, o narrador enfatiza a dificuldade para abrir a porta de entrada, que havia permanecido fechada durante muito tempo.

b) Que aspectos da descrição do Conde Drácula apontam para a identificação da figura de um vampiro?

O Conde era um homem alto e idoso, com um longo bigode branco e comprido, vestido totalmente de preto. Sua força mostrava-se superior em relação às pessoas comuns e sua pele era fria como a de um cadáver. Seu rosto tinha um perfil aquilino e o formato do nariz era incomum. As sobrancelhas eram muito espessas e as orelhas eram pálidas e pontudas. Como característica diretamente associada à figura do vampiro, seus dentes eram protuberantes.

c) De que forma Jonathan Harker tomou contato com o Conde Drácula e que fatores foram responsáveis por inquietar o narrador-personagem?

Jonathan Harker hospedou-se sozinho no castelo do Conde Drácula. A cena descreve a chegada ao castelo e os primeiros momentos de convivência com o estranho personagem. A condição de vampiro é anunciada pelos elementos espaciais que caracterizam o edifício, bem como pela descrição física e detalhada da estranha aparência do

Conde. O castelo está situado em uma região remota, e o hóspede, assustado, ouve apenas o uivo de lobos na floresta que circunda a morada de Drácula.

d) Identifique as semelhanças existentes entre o texto de Bram Stoker e a narrativa de Robert Louis Stevenson.

Ambas as narrativas fazem uso de elementos que provocam inquietação e terror nos personagens que travam contato com os assustadores protagonistas. O leitor é igualmente surpreendido pela ambientação lúgubre das duas histórias e pelas características perturbadoras dos personagens – em Stevenson, Dr. Jekyll revela um aspecto monstruoso e obscuro de sua personalidade; em Stoker, Drácula é apresentado como um indivíduo incomum e assustador.

III. EXPERIÊNCIAS NO LABORATÓRIO DO DR. FRANKENSTEIN

TEXTO 3

Um segredo que somente eu possuía era a esperança à qual me dedicava; a lua brilhava enquanto eu trabalhava, à meia-noite – enquanto, com uma ansiedade constante, de tirar o fôlego, eu perseguia a natureza em seus esconderijos. [...] Eu apanhava ossos nos ossários e perturbava, com dedos profanos, os segredos prodigiosos do corpo humano. Um quarto recolhido, ou, melhor dizendo, uma cela no último andar da casa, separada de todos os outros apartamentos através de um corredor e uma escadaria, era a oficina onde eu trabalhava em minha criação imunda; meus olhos saltavam das órbitas enquanto eu cuidava dos detalhes desse projeto. A sala de dissecação e o matadouro forneciam-me os materiais necessários; com frequência, aquela ocupação me repugnava, enquanto, ainda movido por uma ansiedade que aumentava cada vez mais, eu a conduzia à iminência da conclusão.

[...]

Foi numa terrível noite de novembro que vi meu árduo trabalho chegar ao fim. Com uma ansiedade que beirava a agonia, reuni ao meu redor os instrumentos necessários, de modo a poder infundir uma centelha de vida ao ser inanimado que jazia a meus pés.

[...]

Foi então que vi, à luz amarelada e fraca da lua, que penetrava no quarto através das venezianas da janela, aquele infeliz – o monstro miserável que eu criara. [...] Refugiei-me no pátio da casa em que morava e lá fiquei pelo resto da noite, andando de um lado para o outro na maior agitação, os ouvidos atentos, captando e temendo cada ruído, como se anunciasse a aproximação do cadáver demoníaco ao qual eu lamentavelmente dera vida.

Ah! Nenhum mortal suportaria o horror daquele semblante. Uma múmia dotada de vida não seria tão medonha quanto aquele infeliz. Vira-o ainda inacabado; era feio, então, mas quando aqueles músculos e juntas tornaram-se capazes de se mover, ele se tornou uma coisa que nem mesmo Dante poderia ter concebido.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 67-71.

3. Com base na leitura do trecho acima, responda às questões propostas:

a) De que maneira os experimentos do Dr. Victor Frankenstein se assemelham às investigações de Dr. Jekyll?

Ambos os experimentos extrapolavam os métodos convencionais empregados pela ciência tradicional e desafiavam os limites éticos do trabalho de pesquisa. Dr. Frankenstein profanava ossários e túmulos, vasculhando os segredos do corpo humano com instrumentos adquiridos em salas de dissecação, mas também em matadouros. Para desvendar o enigma da vida, o cientista ultrapassou as barreiras da ética científica – da mesma forma que Dr. Jekyll, ao explorar a duplicidade moral inerente ao ser humano.

166

b) Por que motivo o Dr. Frankenstein ficou perturbado com o resultado de sua experiência?

Dr. Frankenstein assustou-se com o resultado de seu trabalho, sobretudo desde a noite em que resolveu inculcar vida ao ser que criaria a partir de restos humanos. O cientista passou a ser atormentado pela imagem medonha do monstro que concebeu. A criatura apresentava uma aparência demoníaca e assustadora, capaz de inspirar medo no próprio criador.

c) Que elementos terríveis caracterizam fisicamente o monstro criado pelo cientista?

A criatura monstruosa, formada por partes extraídas de corpos humanos, apresentava um horrível semblante, de acordo com o narrador. A feiura do monstro acentuou-se com a capacidade de movimentação dos músculos e juntas. Seu caráter demoníaco é explicitado por meio da alusão ao poeta italiano Dante que, n'A divina comédia, visualizou e descreveu os horrores do Inferno.

d) Que ponto de vista acerca da ética científica pode ser depreendido da leitura de textos ficcionais como os de Shelley e Stevenson?

Ambos os textos colocam em xeque a defesa do progresso científico a qualquer custo. As duas obras problematizam os limites éticos dos trabalhos científicos e retratam experimentos que ultrapassaram os

métodos tradicionalmente empregados pela ciência convencional. Os cientistas que protagonizam as narrativas são apresentados como personagens ambiciosos, capazes de desafiar todas as regras em nome do prestígio pessoal e da inovação científica.

IV. O HORRENDO SINEIRO DA CATEDRAL DE NOTRE-DAME

TEXTO 4

Era, com efeito, uma carranca maravilhosa a que, naquele momento, resplandecia pela abertura da rosácea. Depois de todas as faces pentagonais, hexagonais e heteróclitas que se haviam sucedido nessa lucarna sem realizar o ideal grotesco construído nas imaginações exaltadas pela orgia, era necessário nada menos que esse esgar sublime que enchia a assembleia de deslumbramento para alcançar de pronto todos os sufrágios. [...] Não tentaremos dar ao leitor a ideia do nariz tetraédrico, da boca em ferradura, do pequeno olho esquerdo obstruído pela sobrançelha ruiva e emaranhada enquanto o olho direito desaparecia completamente sob uma enorme verruga, dos dentes desordenados, falhados aqui e lá, como as ameias de uma fortaleza, do lábio caloso sobre o qual um dos dentes avançava como a presa de um elefante, do queixo fendido e, sobretudo, da fisionomia diluída sobre tudo isso, da mistura de malícia, espanto e tristeza. Se possível, imagine-se esse conjunto.

A aclamação foi unânime; correram todos para a capela e trouxeram para fora, em triunfo, o bem-aventurado papa dos loucos. Mas então a surpresa e a admiração atingiram o auge: o esgar, aquela careta medonha, era o seu próprio rosto.

Ou, antes, todo ele era uma carranca. Uma cabeça formidável, com uma cabeleira ruiva eriçada; entre os ombros, uma protuberância enorme que, com o movimento, percebia-se pela frente; um sistema de coxas e de pernas tão singularmente descambadas que apenas se podiam aproximar pelos joelhos e, vistas de frente, pareciam duas lâminas recurvas de foices, unidas pelo cabo; pés largos, mãos monstruosas; e, com toda essa deformidade, não sei que porte temível de vigor, de agilidade e de coragem. [...] Tal era o papa que os loucos acabavam de eleger.

Dir-se-ia um gigante despedaçado e inabilmente recomposto.

[...]

— É Quasímodo, o sineiro! É Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame! Quasímodo, o caolho! Quasímodo, o cambaio! Aleluia! Aleluia!

4. A partir da leitura do fragmento anterior, responda às seguintes questões:

a) De acordo com o texto, que elementos caracterizam fisicamente o sineiro Quasímodo como um ser monstruoso?

Quasímodo é descrito como um indivíduo fisicamente deformado. O narrador reforça as distorções presentes no corpo do personagem – a face apresenta nariz e boca de formatos incomuns, olhos assimétricos, uma enorme verruga, falhas na dentição e uma enorme corcunda, que dificulta a locomoção. A ausência de harmonia no conjunto configura uma imagem grotesca e assustadora.

b) O fragmento narra a coroação de Quasímodo como representante dos loucos e desvairados, durante um festival popular medieval. Por que as características físicas de Quasímodo favoreceram sua eleição?

O festival dos loucos elegeu o papa da multidão que festejava. Como todo evento de caráter carnavalesco, a inversão dos valores constitui um elemento fundamental de subversão da realidade cotidiana. A feiura extrema de Quasímodo torna-se temporariamente valorizada, no âmbito de uma festa popular que exaltava aspectos habitualmente condenados e discriminados pela sociedade.

c) A caracterização física de Quasímodo aproxima o personagem da esfera do sublime ou da esfera do grotesco? Justifique sua resposta.

A descrição física de Quasímodo filia-se à esfera do grotesco, tendo em vista que apresenta uma subversão da harmonia estética habitualmente valorizada nas feições individuais e gera uma reação de espanto e desestabilização. O equilíbrio e a simetria estão ausentes da caracterização do corcunda, e a visão de conjunto revela um ser definido, sobretudo, pela distorção e pela deformidade.

d) As deformações físicas que caracterizam Quasímodo necessariamente revelam algo acerca de sua alma? Justifique sua resposta e compare com as caracterizações anteriormente apresentadas nesta seção.

Não. Ao contrário dos personagens Dr. Jekyll/sr. Hyde, Drácula ou Frankenstein – que apresentavam feições assustadoras e personalidades demoníacas –, o sineiro Quasímodo – criado pelo escritor francês Victor Hugo –, apesar de apresentar características físicas assustadoras, é dotado de uma alma boa e pura. O sofrimento de Quasímodo advém da impossibilidade de entrar em contato com as outras pessoas e revelar a beleza de sua alma, porque a feiura extrema de sua aparência física costuma provocar distanciamento e desconfiância.

A FIGURA DO DUPLO NA LITERATURA

Esta segunda proposta de estudo oferece uma reflexão acerca da questão do duplo – tema fundamental dos estudos literários e de extrema relevância para o leitor que se debruça sobre a prosa de Stevenson. O contato com a obra *O médico e o monstro* possibilita o debate sobre a constituição do sujeito a partir do olhar do outro, bem como a investigação sobre a presença do outro no interior do sujeito. A figura do duplo – enquanto elemento ou mito literário – configura-se como a imagem especular de determinado indivíduo e, à semelhança das sombras, concentra em si as características opostas e invertidas do sujeito que reflete, provocando reações de inquietação e tormento. Partindo da relação tensa de duplicidade mantida entre as identidades de Dr. Jekyll e sr. Hyde, esta seção apresenta outros exemplos literários nos quais a presença do duplo pode ser identificada. Foram selecionados fragmentos de autores estrangeiros – como Dostoiévski e Oscar Wilde –, mas também trechos da obra de um autor brasileiro – Machado de Assis –, nos quais a questão da alteridade constitutiva pode ser identificada.

PROFESSOR, a preocupação com as questões concernentes à constituição da subjetividade a partir do olhar alheio é uma das tônicas atuais dos trabalhos em Análise do Discurso e Estudos Literários. A presente seção procura auxiliar as discussões relativas à alteridade em sala de aula, tomando por base textos que revelam a presença do outro no interior do próprio sujeito. A obra O médico e o monstro propõe a reflexão acerca do outro que habita o sujeito individual e conduz a profundas inquietações da alma. As investigações científicas de Dr. Jekyll trazem à tona uma face obscura de sua personalidade, da qual emerge o sombrio e monstruoso sr. Hyde. Esta edição da obra de Stevenson vem acompanhada por um material complementar que possibilita a exploração da narrativa sob a chave de leitura do duplo. Os textos reunidos nesta unidade têm como objetivo ampliar a reflexão sobre o tema, expandindo o repertório de conhecimento dos leitores por meio da investigação de um tema central para os estudos de literatura.

I. DR. JEKYLL OU SR. HYDE?

TEXTO 1

Assim, fora antes a natureza exigente das minhas aspirações, do que qualquer degradação particular em meus desfeitos, que fizera de mim o que eu era, e que, com uma trincheira maior do que na maioria dos homens, separou aqueles setores do bem e do mal que dividem e compõem a dupla natureza do indivíduo. [...] E aconteceu que a direção de meus estudos científicos, que levavam inteiramente em direção do místico e do transcendental, reagiu, lançando forte luz sobre a consciência de uma guerra permanente entre os meus membros. A cada dia, e de ambos os lados da minha inteligência, a moral e a intelectual, fui, assim, me aproximando mais daquela verdade, através de cujo descobrimento parcial me vi condenado a tal naufrágio: que o homem não é verdadeiramente um, mas verdadeiramente dois. Disse dois, porque o estado de meu próprio conhecimento não vai além desse ponto. Outros virão, outros me ultrapassarão nas mesmas linhas, e arrisco a profecia de que o homem acabará por ser conhecido como simples centro de reunião de multifários, incongruentes e independentes estrangeiros. [...] Foi no lado moral e na minha própria pessoa que aprendi a conhecer a completa, a primitiva dualidade do homem. Vi que das duas naturezas que se combatiam no campo da minha consciência, mesmo que eu pudesse corretamente afirmar que eu era uma delas, isso seria apenas por eu ser radicalmente ambas, e desde muito cedo, mesmo antes que o curso de minhas descobertas científicas começasse a sugerir a mais despida possibilidade de tal milagre, eu aprendera a embalar com prazer, como devaneio querido, o pensamento de separação daqueles elementos. Se cada qual, eu dizia comigo mesmo, pudesse ser localizado em entidades separadas, a vida seria aliviada de tudo quanto é insuportável. O injusto poderia seguir seu roteiro, livre das aspirações e remorsos do seu gêmeo mais elevado, e o justo poderia caminhar com firmeza e segurança pelo seu caminho de subida, fazendo as coisas boas em que encontrava satisfação, já sem se expor à vergonha e à penitência pelas mãos daquela alheia depravação. Era uma maldição para a humanidade que aqueles incongruentes feixes fossem amarrados juntos assim — que no desesperado ventre da consciência aqueles gêmeos polares dessem continuamente lutar. Como, pois, seriam eles dissociados?

[...]

Vi, pela primeira vez, a aparência de Edward Hyde.

Aqui devo falar apenas teoricamente, dizendo não o que sei, porém o que considero como mais provável. O lado mau da minha natureza, para o qual eu transferira agora a marcante eficácia, era menos robusto e menos desenvolvido do que o lado bom que eu

acabava de deixar de lado. No curso de minha vida, que fora, afinal, em noventa por cento, uma vida de esforços, de virtude, de controle, esse lado se exercitara menos e, portanto, estava menos exausto. Daí o fato de, acredito, Edward Hyde ter sido muito menor, mais leve e jovem do que Henry Jekyll. Assim como a bondade transparecia na fisionomia de um, a perversidade estava clara e amplamente escrita no rosto do outro.

STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. São Paulo: Saraiva, 2010. (Coleção Clássicos Saraiva). p. 58.

1. Com base na leitura do fragmento acima, responda às questões abaixo propostas:

a) O que os estudos iniciais de Dr. Jekyll lhe revelaram a respeito da interioridade humana?

Dr. Jekyll observou, inicialmente, a existência de uma duplicidade na constituição natural dos indivíduos. O cientista notou que as esferas do bem e do mal conviviam na interioridade humana. Os experimentos de Dr. Jekyll aproximaram a esfera transcendental e a esfera científica. Ao longo de seu trabalho de investigação, pôde comprovar a constituição do interior do indivíduo por múltiplas e diversas faces.

b) De que forma Dr. Jekyll tomou consciência da dualidade da natureza humana em sua própria personalidade?

Dr. Jekyll verificou que, nele próprio, duas naturezas habitavam uma mesma consciência. O cientista notou que em sua consciência não residia apenas a bondade que habitualmente transparecia nas ações cotidianas, mas conservava reprimida uma face obscura e perversa, que poderia ser trazida à tona e dissociada da face generosa com a qual convivia.

c) O que a experiência de Dr. Jekyll desejava demonstrar?

Os experimentos de Dr. Jekyll estavam voltados para a dissociação das duas entidades opostas que, à semelhança de irmãos gêmeos, compartilhavam a existência em um universo comum. O cientista desejou separar as faces da bondade e da maldade, explicitando as diferenças entre esses polos opostos. O surgimento de sr. Hyde representa a ascensão da face obscura, malvada e perversa, que sempre existiu na interioridade de Dr. Jekyll.

d) Como sr. Hyde se apresentou inicialmente para o Dr. Jekyll?

A face de sr. Hyde, de início, não era predominante na dualidade interior de Dr. Jekyll, porque permanecera sempre subjugada à face bondosa que se manifestava externamente. Sr. Hyde, no entanto, era a encarnação do mal e da perversidade e, aos poucos, tornou-se respon-

sável pelos crimes cometidos pelo cientista. Perdido o controle sobre a dualidade interior, a personalidade de Dr. Jekyll cindiu-se e gerou um intenso e perigoso conflito entre os polos antagônicos.

II. O DUPLO EM UMA NOVELA DE DOSTOIÉVSKI

TEXTO 2

Começou a olhar à volta com uma inquietação indizível; mas não havia ninguém, não acontecera nada – no entanto... no entanto parecera-lhe que alguém, uns instantes atrás, estava ali, ao lado dele, apoiando-se também à balaustrada da marginal [...] “Eh, eh! Mas o que se passa comigo?” – repetia o sr. Goliádkin, metendo-se outra vez ao caminho e continuando a olhar em redor. [...] Mal o senhor Goliádkin o disse ou pensou, notou que vinha ao seu encontro um transeunte, como ele notívago, por qualquer motivo. [...] De repente, parou como petrificado, como atingido por um raio, depois virou-se rapidamente para trás, olhando para as costas do transeunte que entretanto passara por ele – virou-se como se alguma coisa o tivesse puxado, como se o vento tivesse girado o seu cata-vento. O transeunte desapareceu rapidamente sob a nevasca. [...] De súbito, do meio dos uivos do vento e do barulho da intempérie, chegaram de novo aos seus ouvidos uns passos muito próximos. Estremeceu, abriu os olhos. [...] O transeunte que se cruzara com ele havia dez minutos e este que lhe aparecia agora à frente eram a mesma pessoa. [...] De fato, havia razões para ficar tão abalado. É que o desconhecido lhe parecia agora, de certo modo, conhecido. [...] O senhor Goliádkin por nada deste mundo, por tesouros alguns desejaria encontrar-se com ele e, sobretudo, encontrar-se com ele como, por exemplo, agora. Diremos mais: o senhor Goliádkin conhecia perfeitamente o homem [...] Desta feita, porém, o desconhecido já não caminhava ao seu encontro, seguia na mesma direção que ele, e também corria, alguns passos à sua frente. [...] O desconhecido parou mesmo em frente do prédio onde morava o senhor Goliádkin. [...] Todos os pressentimentos do senhor Goliádkin se tinham concretizado plenamente. Tudo o que suspeitara e reecera era agora realidade. [...] O senhor Goliádkin reconheceu categoricamente o seu amigo noturno. O seu amigo noturno não mais era do que ele próprio – o próprio senhor Goliádkin, outro senhor Goliádkin, mas absolutamente igual a ele – numa palavra, o que se chama um duplo dele, em todos os sentidos.

2. O trecho acima narra o encontro de Goliádkin – protagonista de uma novela do escritor russo Dostoiévski – com o seu duplo, durante uma noite perturbadora. A partir da leitura, responda:

a) Que sensações acometem Goliádkin quando ocorre a aproximação do duplo?

Goliádkin fica perturbado ao perceber a aproximação do duplo, mas não consegue precisar com certeza o tipo de aflição que o acomete. O contato com a face espelhada do indivíduo gera uma inquietação que mescla tanto repulsa quanto atração. Goliádkin é acometido por um pressentimento que não pode ser definido de modo objetivo. A sensação de insegurança e um grande temor estão sempre presentes no encontro de um indivíduo com seu duplo.

b) Que características do duplo provocam inquietação no espírito de Goliádkin?

Gradualmente, o desconhecido que Goliádkin encontra na rua, em diversos momentos, vai se revelando conhecido. A familiaridade com o transeunte notívago se intensifica a tal ponto que, ao chegar a casa, Goliádkin reconhece que o estranho que o acompanhara ao longo do percurso era muito semelhante a ele próprio. Ao final do texto, Goliádkin está tão ligado ao outro que chega a constatar que, na verdade, aquele estranho era ele próprio.

c) Que elementos fantásticos colaboram para intensificar o caráter de pesadelo da narrativa?

Goliádkin perambula pela cidade em uma noite ameaçadora. Os elementos da natureza encontram-se agitados e cai uma nevasca intensa. A agitação exterior reflete a inquietação interior do protagonista, e os encontros com o duplo tornam-se frequentes: a todo instante Goliádkin cruza com o estranho transeunte, que parece circular pela cidade sem rumo definido, em um percurso aparentemente ilógico.

d) De que modo a duplicidade de Goliádkin se aproxima da duplicidade interior de Dr. Jekyll?

O duplo de Goliádkin é configurado como uma extensão espelhada e invertida, a um só tempo semelhante e diferente, do protagonista da novela de Dostoiévski. Da mesma forma, sr. Hyde se apresenta como a outra face de Dr. Jekyll, simultaneamente o mesmo e o outro, concentrando em si as características opostas da personalidade predominante.

III. O MISTERIOSO RETRATO DE DORIAN GRAY

TEXTO 3

Uma exclamação de horror brotou dos lábios do pintor, quando viu, à luz débil da vela, o rosto medonho que parecia sorrir-lhe sarcasticamente da tela. Havia alguma coisa em sua expressão que o encheu de repugnância e aversão. Santo Deus! Era o próprio rosto de Dorian Gray que estava vendo! A devassidão, por maior que fosse, não tinha conseguido corromper de todo aquela maravilhosa beleza. Ainda se viam alguns cabelos dourados na cabeça e a boca sensual era ainda vermelha. Os olhos, inchados, conservavam algo de seu azul tão puro e ainda não haviam desaparecido as finas curvas do nariz, delicadamente cinzelado, e as de seu torneado pescoço. Sim, aquele era Dorian Gray. Mas quem tinha feito aquilo? Reconhecia suas próprias pinceladas e a moldura que ele mesmo havia desenhado. A ideia era monstruosa. Sentiu-se aterrorizado. Apanhou a vela e aproximou-se do retrato. No ângulo esquerdo estava seu próprio nome, traçado em grandes letras de vermelho berrante.

[...]

— Não acredito que este seja o meu quadro.

— Não é capaz de ver nisto seu ideal? – disse Dorian Gray, amargamente.

— Meu ideal, como você diz...

— Como você dizia.

— Nada havia de perverso nem de injurioso nele. Você era meu ideal e eu nunca mais poderei encontrar outro. Este é o rosto de um sátiro.

— É o retrato de minha alma.

— Meu Deus! Que coisa terrível adorei eu! Seus olhos são os de um demônio.

— Cada um de nós leva em si o Céu e o Inferno, Basílio – exclamou Dorian, com um gesto impetuoso e desesperado.

Hallward voltou-se para o retrato e olhou-o demoradamente.

— Por Deus! Se isto é verdade — exclamou —, se isto representa o que você fez de sua vida, deve ser muito mais perverso do que o creem aqueles que o difamam e do que você mesmo imagina!

3. O fragmento anterior foi extraído de um famoso romance do escritor irlandês Oscar Wilde. Na história, Dorian Gray – o protagonista – transfere seus defeitos e as marcas de seu envelhecimento físico para um retrato. Desse modo, o personagem central conserva por longo tempo sua beleza e juventude, enquanto a figura retratada vai gradualmente sofrendo modificações. Após a leitura do texto, responda:

a) Que elementos presentes no retrato de Dorian Gray perturbam o espírito do pintor que contempla o quadro?

O pintor fica horrorizado ao notar as alterações sofridas pelo quadro que ele próprio havia pintado. O rosto de Dorian Gray revelava uma fisionomia medonha e sarcástica – a própria imagem da devassidão e da corrupção. A beleza, a sensualidade e a pureza que caracterizavam Dorian Gray fisicamente – e que permaneciam imutáveis com o passar do tempo – eram contrastadas com a perversidade do perfil demoníaco retratado na pintura. O pintor é tomado por uma forte sensação de repugnância e aversão.

b) De que modo o retrato de Dorian Gray pode ser considerado uma espécie de duplo do indivíduo retratado?

A história de Dorian Gray trata da oposição entre aparência e essência. A vaidade do protagonista leva-o a ambicionar a imortalidade. O retrato de Dorian Gray se apresenta como um espelho invertido do personagem e reflete as características interiores de Gray – estas, por sua vez, são o oposto das características que transparecem na exterioridade física.

c) Qual a reação de Dorian Gray diante do espanto do pintor?

Dorian Gray mostra-se dissimulado e frio. Diante do espanto do pintor, o protagonista discorre sobre a dualidade inerente à natureza humana, afirmando que o ser humano concentra, dentro de si, o Céu e o Inferno. A alma de Dorian Gray, que aparece no quadro, não espanta o indivíduo retratado, na medida em que este se importa apenas com a aparência física.

d) Em que medida a monstrosidade retratada no quadro de Dorian Gray se assemelha ao aspecto sombrio da interioridade de Dr. Jekyll?

Tanto o retrato de Dorian Gray quanto a personalidade de sr. Hyde representam o aspecto sombrio e perverso da interioridade dos protagonistas das respectivas histórias. A dualidade da natureza humana é figurativizada, nas duas narrativas, mediante o espelhamento das características morais dos indivíduos. Enquanto Dr. Jekyll é bondoso e pacífico, o outro que o habita revela-se cruel e perverso; enquanto a aparência física de Dorian Gray transparece beleza e juventude, a alma apresentada pelo retrato mostra-se depravada e demoníaca.

IV. IRMÃOS GÊMEOS EM UM ROMANCE DE MACHADO DE ASSIS

TEXTO 4

Capítulo VIII Nem casal, nem general

Nem casal, nem general. No dia sete de abril de 1870 veio à luz um par de varões tão iguais, que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado.

Tudo esperavam, menos os dois gêmeos, e nem por ser o espanto grande, foi menor o amor. [...] Tinham o mesmo peso e cresciam por igual medida. [...] Viriam a ter gênio diferente, mas por ora eram os mesmos estranhões. Começaram a sorrir no mesmo dia. O mesmo dia os viu batizar.

[...]

Os pequenos, que se distinguiam por uma fita de cor, passaram a receber medalhas de ouro, uma com a imagem de S. Pedro, outra com a de S. Paulo. A confusão não cedeu logo, mas tarde, lento e pouco, ficando tal semelhança que os advertidos se enganavam muita vez ou sempre. A mãe é que não precisou de grandes sinais externos para saber quem eram aqueles dois pedaços de si mesma.

Capítulo XIV A lição do discípulo

— Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito, e não a sabendo, porque a Providência a esconde da notícia humana... Se fosse uma causa espiritual, por exemplo...

— Por exemplo?

— Por exemplo, se as duas crianças quiserem ajoelhar-se ao mesmo tempo para adorar o Criador. Aí está um caso de conflito, mas de conflito espiritual, cujos processos escapam à sagacidade humana. Também poderia ser um motivo temporal. Suponhamos a necessidade de se acotovelarem para ficar melhor acomodados; é uma hipótese que a ciência aceitaria; isto é, não sei... Há ainda o caso de quererem ambos a primogenitura.

4. No romance *Esau e Jacó*, do escritor brasileiro Machado de Assis, a duplicidade se apresenta na configuração dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo, protagonistas do romance. Com base na leitura do fragmento reproduzido anteriormente, responda:

a) De acordo com o narrador, que semelhanças e diferenças caracterizavam os irmãos gêmeos desde o nascimento?

Pedro e Paulo eram fisicamente idênticos. O narrador os apresenta como a sombra um do outro – tal caracterização antecipa o caráter de duplicidade, na medida em que as sombras reproduzem o objeto de maneira invertida. Os irmãos tinham o mesmo peso e a mesma estatura, foram batizados e sorriram pela primeira vez no mesmo dia. Diferenciavam-se inicialmente por meio de fitas coloridas e, depois de algum tempo, pelas medalhas dos santos padroeiros. No entanto, interiormente seriam distintos e seus temperamentos se revelariam opostos entre si.

b) No capítulo XIV, o personagem Aires apresenta uma explicação para a rivalidade existente entre os irmãos. Os argumentos de Aires têm base científica ou se baseiam em crenças religiosas? Justifique sua resposta.

Os argumentos de Aires são baseados, predominantemente, em crenças religiosas. A rivalidade entre os irmãos é comparada ao conflito entre os personagens bíblicos Esau e Jacó. Reforça-se a possibilidade de uma causa espiritual para a disputa entre irmãos. Aires menciona a crença de que ambos poderiam ter desejado expressar devoção a Deus simultaneamente. Por outro lado, ele afirma que também é possível haver uma causa temporal para a rivalidade entre os gêmeos, como, por exemplo, a luta pelo direito à primogenitura.

c) De que forma os dois irmãos gêmeos encarnam um aspecto da figura literária do duplo?

Na literatura, os irmãos – sobretudo os gêmeos – encarnam, na maior parte das vezes, uma das faces da figura do duplo. A imagem de irmãos idênticos fisicamente é preciosa para revelar a duplicidade da natureza humana. Na maior parte das vezes, os gêmeos apresentam características opostas de personalidade, não raro tendendo para uma polarização espelhada entre bem e mal.

d) A diferença de personalidade dos irmãos gêmeos se relaciona com a duplicidade interior de Dr. Jekyll? Explique.

Sr. Hyde se apresenta como o outro espelhado de Dr. Jekyll. Os traços definidores de suas personalidades são opostos entre si, tal como acontece com os irmãos gêmeos do romance machadiano. Em relação de complementaridade, os protagonistas de ambas as histórias se definem por oposição ao outro que os habita ou que os espelha. A duplicidade da natureza humana é problematizada em ambos os casos.

PROFESSOR, esta unidade tratou da questão literária do duplo e das relações entre sujeito e alteridade. Como sugestão de aprofundamento do trabalho em sala de aula, apresentamos a seguir, a título de complementação, um fragmento do conto “O Espelho”, de Machado de Assis. Nessa narrativa, o narrador-personagem reflete sobre a constituição da identidade individual a partir do olhar externo lançado pela sociedade.

O aspecto físico do sujeito não é visível a ele próprio, a menos que ele se contemple em um espelho. A imagem do espelho, utilizada por Machado de Assis neste conto, é capaz de revelar as várias dimensões que constituem o sujeito. Em “O Espelho”, o protagonista defende a teoria de que cada indivíduo apresenta duas almas – “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. Tal é a relação do sujeito com seu corpo – nas dimensões interna e externa – e com o corpo do outro, por ele contemplado. A farda de alferes vestida pelo personagem do conto de Machado de Assis só faz sentido no contato com o olhar do outro; contemplada na solidão do indivíduo que se olha ao espelho, a farda representa não apenas a autoridade que o personagem exerce sobre os demais membros da sociedade, mas está carregada dos próprios olhares que a ela são dirigidos e que terminam por constituir a identidade do sujeito que a veste. Desse modo, o indivíduo se configura, em sua totalidade e complexidade, a partir do olhar alheio.

178

“— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. [...] Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

[...]

— Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. [...] A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. [...]

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me de vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. [...] Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...”

ASSIS, Machado de. O espelho. In: Contos – uma antologia. Sel. John Gledson. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. II. p. 401-410.

LEITURA 3

ENTRE O BEM E O MAL: NARRATIVAS DE MISTÉRIO E SUSPENSE

Esta última seção toma por base a narrativa intitulada “Markheim”, incluída na presente edição de textos de Robert Louis Stevenson – autor do clássico *O médico e o monstro*. A proposta de análise dialógica aqui apresentada visa relacionar um fragmento da história composta por Stevenson e um trecho do conto policial “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe. Ambos os autores procuraram criar atmosferas de mistério para suas tramas, envolvendo os personagens em situações repletas de suspense. Os polos dicotômicos do bem e do mal comparecem igualmente nas narrativas, sobretudo sob a perspectiva da configuração dos caracteres. Os crimes cometidos prendem a atenção do leitor, e a tentativa de decifração dos delitos torna-se o motor das histórias dos grandes mestres do gênero. As atividades desta unidade têm como objetivo estimular a leitura das obras de mistério do século XIX e permitir o contato com autores representativos dessa tradição.

PROFESSOR, o trabalho com os textos desta última unidade pode ser enriquecido por meio do estabelecimento de relações com séries e filmes contemporâneos que apresentam tramas de suspense e mistério. Os ingredientes das histórias policiais podem ser igualmente explorados mediante o desenvolvimento de propostas de produção textual envolvendo decifrações de enigmas e investigações detetivescas. Os trechos selecionados servem como ponto de partida para o estudo dos elementos fundamentais da narrativa, bem como para a análise da estrutura geral das histórias de crime. Este material pode ser também confrontado com notícias de temática policial, extraídas de periódicos. O objetivo central é estimular a imaginação dos alunos e chamar a atenção para os aspectos que conferem coerência interna aos textos narrativos.

I. O PSICOPATA DE ROBERT LOUIS STEVENSON

TEXTO 1

180 O tempo expressava-se por meio de dezenas de pequenas vozes naquela casa de negócios. Algumas eram solenes e lentas tal como era próprio de sua antiguidade; outras, tagarelas e apressadas. Mas todas falavam dos segundos num coro intrincado de palpitações. Depois, escutou-se a passagem dos pés de um garoto, correndo pela rua, interrompendo aquelas vozes imemoráveis e levando Markheim, num sobressalto, a lembrar-se de onde estava. Olhou ao redor, apavorado. A vela continuava sobre o balcão, sua chama oscilando solenemente, ao sopro de uma corrente de ar. E, com aquele movimento insignificante, todo o aposento enchia-se de silenciosa animação, encapelando-se como o mar, as sombras altas vacilando, as grandes manchas de escuridão entumescendo e murchando, como se respirassem, os rostos nos retratos e as mercadorias de louça transformando-se e desmanchando-se tal imagens na água. A porta interna mostrava-se entreaberta e olhava para aquela conjuração de sombras, longa brecha de luz do dia a apontar como um dedo.

Daquelas sombras que o medo agitava, os olhos de Markheim voltaram para o corpo de sua vítima, ali onde jazia, curvado e espalhado, incrivelmente pequeno e estranhamente mais mesquinho do que em vida. Naquelas pobres, miseráveis roupas, em tão desgracioso gesto, o negociante jazia como um monte de serragem. Markheim temera olhar para ele, e eis que aquilo nada era. Entretanto, enquanto olhava para aquele punhado de roupas velhas e de sangue, começou a escutar vozes eloquentes. Ali precisava fazer: não havia ninguém para fazer trabalhar as juntas astuciosas ou dirigir o milagre da locomoção, e ali teria de fazer até que fosse encontrado. Encontrado! Ai, e então? Então, aquela carne morta levantaria um

clamor que ressoaria sobre a Inglaterra e encheria o mundo com ecos de perseguição. Ai, morto ou não, aquele homem era ainda o inimigo. “Tempo foi aquele em que cérebro esteve ausente”, pensou ele. E a primeira palavra apegou-se-lhe à mente. Tempo, agora que a ação fora realizada, tempo, que se fechara para a vítima, tornara-se urgente e momentâneo para o assassino.

STEVENSON, Robert Louis. Markheim. In: *O médico e o monstro*. São Paulo: Saraiva, 2010. (Coleção Clássicos Saraiva). p.104.

1. No conto “Markheim”, Robert Louis Stevenson traça o perfil de um personagem psicopata. A partir da leitura do fragmento, responda às questões abaixo:

a) No início do texto, que elementos contribuem para intensificar o delírio de Markheim?

O movimento das pessoas traz Markeim de volta à realidade. Olhando ao redor, o protagonista sente-se apavorado. A possível presença de outras pessoas atormenta o assassino, considerando que ele teme que seu crime seja descoberto. Após o assassinato ter sido cometido, o criminoso passa a refletir sobre as consequências de seus atos.

b) Que características do espaço reforçam a atmosfera de medo e mistério?

Os menores elementos à volta de Markheim passam a atormentá-lo. A chama oscilante da vela contribui para conferir à cena uma atmosfera lúgubre. Os movimentos mínimos das sombras nas paredes inquietam o espírito do protagonista e se revelam como potenciais ameaças.

c) De que modo Markheim olha para sua vítima? O que mais chama a atenção na descrição do homem assassinado?

Ao olhar para sua vítima, Markheim concentra o olhar sobre o aspecto miserável do corpo morto, imóvel e estirado no chão. O que chama a atenção na descrição do homem assassinado, sob a perspectiva do criminoso, é a redução a uma condição máxima de insignificância.

d) Que medos acometem Markheim após o crime ter sido cometido? *Markheim passa a temer a punição pelo crime que cometeu e imagina os olhares sentenciadores da sociedade. O criminoso se preocupa com a passagem do tempo e com o destino que dará ao corpo da vítima. A sanção da sociedade ameaça Markheim, que se sente perseguido antes mesmo da descoberta do assassinato.*

II. O CONTO NA VISÃO DE EDGAR ALLAN POE

TEXTO 2

Paul Dumas, médico, declara ter sido chamado ao despontar do dia para examinar os cadáveres. Jaziam ambos no estrado do leito, no quarto onde fora encontrada a Srta. l'Españaye. O corpo da jovem apresentava grandes escoriações. Tais particularidades se explicam suficientemente pelo fato de haver sido metido na chaminé. O pescoço estava extraordinariamente esfolado. Havia, bem acima do queixo, várias arranhaduras profundas, com uma série de manchas lívidas, resultado evidente da pressão dos dedos. O rosto estava medonhamente descolorido; os olhos saíam das órbitas. A língua fora cortada pela metade. Um grande ferimento se apresentava no estômago, produzido, muito aparentemente, pela pressão de um joelho. Na opinião do Sr. Dumas, a Srta. L'Españaye fora estrangulada por um ou vários indivíduos.

O corpo da progenitora apresentava-se horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço esquerdo mais ou menos espatifados; a tíbia esquerda estilhaçada, bem como as costelas do mesmo lado. O corpo todo pisado e sem cor. Era impossível dizer como haviam sido infligidos os golpes. Uma pesada maça de madeira ou uma grande barra de ferro, uma arma grossa, pesada e contundente, teria podido produzir semelhantes resultados, e mais, manejada por homem excessivamente robusto. Fosse qual fosse a arma empregada, nenhuma mulher teria podido aplicar tamanhos golpes. A cabeça, quando a testemunha a viu, estava inteiramente separada do tronco, e, como o resto, espatifada. O pescoço fora evidentemente cortado com um instrumento afiadíssimo, muito provavelmente uma navalha.

[...]

Se bem que várias outras pessoas tenham sido interrogadas, não foi possível obter mais informações de valor. Nunca se cometeu em Paris assassinio tão misterioso, tão complicado, se é que houve realmente assassinio.

POE, Edgar Allan. *Os assassinatos da Rua Morgue*.

São Paulo: Saraiva, 2006. (Clássicos Saraiva)

2. O fragmento acima foi extraído de um famoso conto de Edgar Allan Poe – escritor precursor das histórias policiais. Com base na leitura do trecho, responda às seguintes questões:

a) Em que medida as descrições minuciosas apresentadas podem auxiliar no trabalho de investigação do assassinato?

Todas as informações colhidas a partir da observação dos corpos das vítimas podem oferecer pistas que conduzam à solução de um crime. A observação pormenorizada dos detalhes pode contribuir para a reconstituição do assassinato e para a descoberta dos criminosos.

b) A descrição feita pelo narrador apresenta muitos eufemismos para suavizar a crueldade dos crimes cometidos? Justifique sua resposta com elementos do texto.

Não. As descrições de Poe são cruas e primam pela objetividade fria que caracteriza o olhar do legista. Não são empregados metáforas ou eufemismos que suavizem a crueldade do ato cometido. A narrativa de Poe é marcada pela aparência de imparcialidade e por um detalhamento minucioso de realidades terríveis.

c) Que elementos presentes no texto permitem diferenciar o caso policial apresentado de outros crimes cometidos?

No conto de Edgar Allan Poe, o crime cometido apresenta dificuldades especiais para ser investigado. O exame das vítimas não se mostra suficiente para chegar a uma solução definitiva. Faltam pistas que permitam decifrar o que de fato ocorreu.

d) Cite aspectos característicos das narrativas policiais presentes nos contos de crime e suspense compostos por Stevenson e Poe.

Ambas as narrativas são construídas em torno de ações criminosas. O conto de Stevenson apresenta o perfil de um psicopata que comete um assassinato. O conto de Poe trata de um crime cujas causas são incertas. Os dois textos procuram prender a atenção do leitor por meio do suspense criado em torno da decifração do mistério e da possível punição dos culpados.

PESQUISE E POSICIONE-SE

PROFESSOR, as questões a seguir têm como objetivo, apenas, sugerir encaminhamentos possíveis para o jovem leitor.

A leitura de *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, possibilita discussões acerca da complexidade característica da mente humana. Com base na leitura desta obra, bem como das demais narrativas de Stevenson incluídas na presente edição, reflita sobre as questões a seguir:

- Você acredita que o bem e o mal coexistem no interior dos seres humanos? Justifique sua resposta.

- Os experimentos de Dr. Jekyll ultrapassaram os limites da conduta ética apregoada pelos cientistas. Você é favorável à ideia de que o progresso científico deve sempre ocorrer, mesmo em detrimento da ética?

- Você acha possível que um estudioso, em determinado momento de sua profissão, possa perder o controle sobre seus experimentos? Justifique sua resposta.

- Em sua opinião, que fatores influenciam a formação da personalidade individual? É possível afirmar que um indivíduo seja, desde o nascimento, completamente bom ou completamente mau?

- Os personagens das narrativas de terror e suspense apresentam, muitas vezes, conflitos interiores. Quais as principais inquietações dos personagens dos textos de Stevenson reunidos nesta edição? Você acredita que esses conflitos possam perturbar algumas pessoas na vida real?